

Maré Vacinada

61% dos moradores receberam ao menos a primeira dose. [PÁGINA 6](#)

Iniciativas de combate à fome e à vulnerabilidade social no território

PÁGINAS 3 E 4

Saúde mental na Maré: ações espalhadas pelo território e pesquisa pioneira no Brasil

PÁGINA 5

Um pedaço da cultura nordestina no maior conjunto de favelas do Rio

PÁGINAS 14 E 15

MATHEUS AFFONSO



Olimpíadas de Tóquio

Com o início do maior evento esportivo do planeta, especialistas, atletas de alto rendimento e mentores mareenses discutem a perspectiva do direito social ao esporte e sua importância na formação das pessoas.

[PÁGINA 10](#)

Casa Preta da Maré

Equipamento da Redes da Maré ganha sede e conta com programação de cursos livres centrados na redefinição das relações raciais, na arte e nas estratégias de combate ao racismo.

[PÁGINAS 12 E 13](#)

MATHEUS AFFONSO



EDITORIAL

Fazer jornalismo em momentos históricos tem gosto de vida; trabalhar na edição que traz em destaque a vacinação em massa na Maré é daqueles momentos únicos da profissão. Apesar de ainda vivermos as consequências da pandemia, esse sopro de esperança energiza a caminhada no maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro. Os olhos de todo o país se voltaram para o engajamento que concretizou a #VacinaMaré, pois os resultados do estudo que será realizado a partir da campanha ajudarão a definir os próximos passos na luta contra a covid-19.

Por falar em história, tiveram início em julho de 2021 os Jogos Olímpicos Tóquio 2020. A mobilização olímpica motivou uma análise sobre a importância do esporte na construção da identidade, na relação com o território e na disseminação de oportunidades, especialmente nas regiões periféricas. Seja na vida de talentos como o mareense Wanderson de Oliveira, o Shuga, atleta entrevistado para a matéria sobre a importância do esporte (página 10), seja no cotidiano das pessoas comuns, a atividade esportiva é essencial para a cidadania.

Em textos com diferentes enfoques, a potência da Maré deixa sua marca: ela aparece nas ações no combate à insegurança alimentar e na representação da luta antirracista empreendida pela Casa Preta. Além disso, ao longo do mês de agosto, o território vai receber diversas ações do *Rema Maré*, como a Primeira Semana de Saúde Mental da Maré. As atividades são um desdobramento da pesquisa *Construindo Pontes*, que analisa o impacto da violência na vida dos moradores.

Quando falamos sobre a marcante presença nordestina na Maré (páginas 14 e 15), a importância da visibilidade lésbica (página 11) ou os problemas de saneamento básico que, infelizmente, ainda persistem em diversas regiões do território (páginas 7, 8 e 9), temos um objetivo maior: sermos, cada vez mais, porta-vozes dos mareenses. Por isso, sintam-se convidados a ampliar a comunicação conosco. Desejamos uma ótima leitura e até a próxima edição. E não se esqueçam: lavem as mãos, se protejam e usem máscara, mesmo que já tenham sido vacinados — ainda temos a segunda dose para tomar!

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

 (21) 97271-9410

CHARGE - NANDO MOTTA



HUMOR

Um morador da Baixa do Sapateiro mandou um áudio para um colega do Conjunto Bento Ribeiro Dantas.

Ele perguntou se o colega sabia que peixe tinha caído do Morro do Timbau.

Após resposta negativa, ele mandou:

O peixe que caiu foi o AAAAAAAAAAAAAAAAAATUM!

ENVIE SUA POESIA, FOTO, RECEITA OU PIADA. ESTE ESPAÇO É SEU!
contato@maredenoticias.com.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

PARCERIA:

actionaid

MARÉ DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Campanha Climão
Casa Preta da Maré
Centro de Artes da Maré
Espaço Normal

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORES

Edu Carvalho
Tamyres Matos
(Mtb 32434/RJ)

COORDENADORES DE DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana
Henrique Gomes
Luiz Felipe de Oliveira
Bacelar

DISTRIBUIDORES:

Andrews de Andrade
Faustino
Antônia Valéria Lins e Silva
Cristiane dos Santos
Jonathan Ribeiro Da Cruz
Larissa Oliveira
Lucas Frederico Brandão
Leonardo da Silva
Marcela Ferreira Silva Gomes
Marcelo Sergio Silva Braz
Thuany Vieira Nascimento
Valdemir Gomes da Cunha Júnior
Yasmim Emmanuel Duarte

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Amanda Pinheiro
Data_Labe
Edu Carvalho
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)

Tamyres Matos
(Mtb 32434/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes
Matheus Affonso

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Trabalhador sim, mas em situação de rua

Até mesmo uma parcela dos profissionais que entregam comida via serviços de aplicativos não tem o que comer com aumento da quantidade de pessoas nas ruas

AMANDA PINHEIRO E EDU CARVALHO

Associado às altas taxas de desemprego (recorde de 14,7% no 1º trimestre de 2021), o crescimento da população em situação de rua é uma das consequências da maior crise sanitária dos últimos cem anos, e tem provocado também um aumento na procura por ajuda de quem, antes da pandemia, conseguia sobreviver com o seu trabalho.

Integrantes do *Projeto Ruas*, que presta assistência à população em situação de rua no Rio de Janeiro, afirmam ter percebido uma mudança de perfil dos que estão sendo acolhidos através dos encontros.

“Recebemos muitas pessoas que antes da pandemia não estavam em situação de rua, mas que agora não têm o que comer. Fomos pegos de surpresa, por exemplo, com a chegada de entregadores de aplicativos que, às vezes, passam horas trabalhando, mas não têm dinheiro para se alimentar ou acesso a comida”, relata **Larissa Montel**, gestora executiva do projeto.

O que antes era uma ronda semanal, com rodas de conversas de voluntários, nas quais todos jantavam juntos e faziam atividades lúdicas, virou uma série de ações emergenciais nos bairros de Copacabana, Glória, Largo do Machado e Tijuca.

“Cada dia mais as calçadas estão re-



Rua Flávia Farnese, na Maré, é o local onde a população em situação de rua da região se abriga em barracos de madeira cegendo pessoas que nunca moraram na rua. Ou que haviam morado, mas tinham saído. A grande maioria, por conta das crises sanitária e econômica que vivemos”, diz **Karol Abrantes**, uma das fundadoras do *Projeto Nossa Entrega*.

Acolhimento e redução de danos na Maré

Há três anos, a Redes da Maré inaugurou o Espaço Normal que, além de atender usuários de drogas, faz o atendimento da população em situação de rua, oferecendo cozinha comunitária, banheiros com doações de roupas limpas e uma sala de estar com TV.

Durante a pandemia, a instituição fechou as portas, mas não parou o atendimento. No dia 2 de junho, a equipe promoveu a vacinação contra covid-19 nas ruas. **Luna Arouca** é coordenadora do projeto e explica que o Espaço dispõe de redutores de danos (pessoas que trabalham junto a usuários de drogas, realizando atividades educativas e culturais) que acompanham continuamente as pessoas atendidas pelo Espaço.

“Se tem gente com fome, dá de comer!”

A coordenadora conta que o projeto começou a entregar quentinhas por causa do isolamento social. Essa ação,

segundo ela, mantém o vínculo estabelecido entre a população atendida e a equipe do Espaço Normal, que conta com ajuda externa para funcionar.

“A gente fez parceria com a Casa das Mulheres, que já tinha o bufê e as cozinheiras da Maré. E a captação de recursos da própria rede para o período da campanha permitiu que isso acontecesse”, diz.

Além de Luna, o Espaço Normal tem coordenação de **Elivanda Canuto**, além de quatro redutores de danos, uma assistente social, uma psicóloga e a equipe de acompanhamento do Eixo de Desenvolvimento Territorial. Antes da pandemia, o espaço atendia cerca de 60 pessoas por dia; agora, são 150.

Segundo a Prefeitura do Rio, somente em 2021 houve um número recorde de atendimentos à população em vulnerabilidade social: foram 444.849 nos primeiros cinco meses do ano, 22% a mais que no mesmo período de 2020 (350.049 atendimentos).

De acordo com o Censo da População em Situação de Rua 2020, foram identificadas 7.272 pessoas nessas condições na cidade do Rio; destas, 76,6% eram pretas ou pardas. Segundo a Secretaria de Assistência Social, os motivos que levam a essa realidade são, entre outros, conflitos familiares e o uso de drogas.



Espaço Normal é referência no atendimento a pessoas em situação de rua

Maré na luta contra insegurança alimentar

Redes da Maré busca construir programa de combate à fome que atenda famílias sem renda



DOUGLAS LOPES

Campanha já entregou 65.000 refeições para pessoas em situação de rua e beneficiou mais de 54 mil pessoas com entrega de cestas básicas

EDU CARVALHO

“Senhora! É a Redes da Maré! Viemos trazer sua cesta de alimentos!”, ecoa nas ruas da Nova Holanda. É assim que integrantes da equipe que entrega cestas básicas e kits de limpeza por meio da campanha *Maré diz NÃO ao Coronavírus* realiza um trabalho permanente de visita aos domicílios cadastrados na base de dados da Associação Redes da Maré, pensada para acontecer em várias frentes durante a pandemia da covid-19.

O objetivo é conhecer as famílias que mais precisam de ajuda neste momento. Todos os dias, os colaboradores da Redes percorrem o território da Maré para entender os desafios enfrentados no território. De março até junho de 2021, foram realizadas cinco mil visitas domiciliares, chegando a 2.752 famílias beneficiadas.

Em um segundo ciclo da ação, uma triagem foi estruturada a partir da primeira etapa da campanha em 2020, seguindo critérios de maior necessidade. O de-

sejo é impactar diretamente famílias sem renda, que pagam aluguel e que não foram incluídas nos programas do governo federal, como o Bolsa Família e o Auxílio Emergencial; e também aquelas com crianças, idosos e pessoas com deficiência. A meta é assistir seis mil famílias.

“Estamos atendendo as famílias que encontramos, ao longo da primeira fase, e que estão em extrema vulnerabilidade. É realizada uma visita domiciliar com uma equipe técnica para que seja identificada a real complexidade de cada caso”, conta **Joelma Souza**, coordenadora do Eixo de Desenvolvimento Territorial da Redes da Maré.

Ela explica que essa pesquisa é fundamental, porque leva em consideração fatores que acabam passando despercebidos. “A partir da visita domiciliar é possível identificar se a família está numa situação de insegurança alimentar moderada ou grave.” (Insegurança alimentar é quando

os alimentos são escassos, seja pelo acesso ou pela disponibilidade. Se uma família não tem acesso regular e permanente à alimentação, em quantidade e qualidade adequadas, ela está nesta situação.)

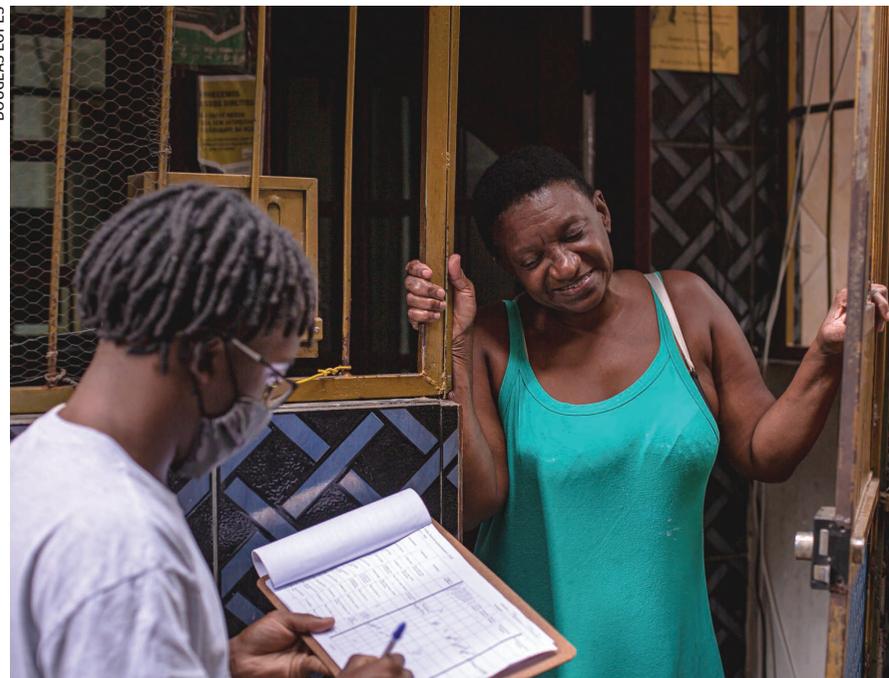
Sono que disfarça a fome

Joelma diz que, em muitos casos, consegue-se até um ingrediente, como fubá, arroz ou só feijão. “Já encontramos famílias nas quais a mãe estava fazendo mingau de maisena com água

porque não tinha leite.” Ela também se lembra de uma equipe que encontrou, em uma das visitas, as crianças da família dormindo para não sentirem fome, porque não havia comida em casa.

Atualmente, o programa não está aceitando novas inscrições. “Diante da nossa realidade de morador de favela, todos precisamos receber uma cesta. Mas descobrimos que grande parte das famílias atendidas está em situação muito pior.”

A pandemia explicitou um problema que vem se agravando nos últimos tempos. A fome (o grau mais agudo da insegurança alimentar) atinge 9% da população, segundo a pesquisa *Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil*, da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional — ao todo, mais de 116 milhões de brasileiros não têm comida suficiente na mesa, o equivalente a mais da metade da população do país. Segundo os dados, a estimativa é que o Brasil tenha retrocedido 15 anos no combate à fome somente nos últimos cinco anos.



DOUGLAS LOPES

Para receber as cestas básicas, as famílias da Maré passam por entrevistas sociais

Vamos falar sobre saúde mental

Pesquisa analisa o impacto da violência na vida dos moradores da Maré

TAMYRES MATOS

Sons de tiros, estado de alerta constante, corre-ria, pé na porta. Quais são os efeitos deste tipo de situação para a saúde mental das cerca de 140 mil pessoas que moram no maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro? Para avançar na resposta a este questionamento, a pesquisa *Building the Barricades* (em português, *Construindo Pontes*) conduziu uma investigação cujo resultado será amplamente divulgado neste mês de agosto.

O *Construindo Pontes* é uma parceria entre a Redes da Maré, a organização britânica People's Palace Projects (que faz parte da Universidade Queen Mary de Londres), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O fio condutor do projeto é a utilização da arte e da cultura como ferramentas de prevenção e superação de traumas e tratamento de transtornos mentais, para além da essencial divulgação dos dados.

"A discussão sobre saúde mental de moradores de favelas e periferias, no contexto da violência a que estes territórios são submetidos, é urgente e fundamental" avalia **Eliana Silva**,

diretora da Redes da Maré. "São situações cotidianas que restringem a circulação dos moradores, produzem traumas e reduzem a confiança das pessoas nas instituições, já que muitas vezes é a própria polícia a responsável pelas violações de direitos", aponta.

A pesquisa é um aprofundamento do trabalho iniciado por Eliana em sua tese de doutorado em segurança pública, na qual ela rebate a ideia de que os moradores de favelas seriam "cúmplices" do tráfico e evidencia que eles são, na verdade, vítimas de uma política de segurança baseada na "guerra às drogas", que considera as favelas como "territórios inimigos" a serem conquistados.

Cartilha da saúde mental

Está sendo lançado nesta edição do Maré de Notícias o *Guia de Saúde Mental da Maré*, com orientações básicas sobre o tema. O encarte, anexo ao jornal, também será disponibilizado em locais estratégicos e em barracas espalhadas pela Maré. O material busca responder perguntas como: o que é saúde mental? Como identificar sintomas de problemas? Onde e quando procurar ajuda?

"As dores e os sintomas de problemas de saúde mental não são evidentes como os de uma perna quebrada, deles não se trata com um remédio como os que usamos para dores de cabeça", alerta o diretor teatral e principal pesquisador de *Construindo Pontes*, **Paul Heritage**. "Nas intervenções artísticas que preparamos para a campanha *Rema Maré*, perguntamos se devemos lidar com este problema de forma indivi-

dual ou coletiva. Como posso melhorar a minha saúde mental e ajudar a cuidar dos que estão próximos a mim?", questiona.

Segundo os organizadores do *Rema Maré*, a pesquisa é ponto de partida e embasamento para uma atuação mais profunda no território. Com os resultados, serão organizadas atividades com o intuito de esclarecer, orientar, mobilizar e sensibilizar os moradores da Maré para o tema.

LISTA DE AÇÕES

- Lançamento do *Guia de Saúde Mental da Maré* (acompanha esta edição)
- 19 de Agosto - Divulgação dos resultados da pesquisa em webinar
- 23 a 28 de Agosto - Primeira Semana de Saúde Mental da Maré (Campanha *Rema Maré*)
- Campanha nas redes sociais da Redes da Maré e do People's Palace Projects

ATIVIDADES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

- Intervenções dos jovens artistas participantes do podcast *BECOS* no novo galpão do Espaço Normal. As apresentações serão para pessoas e organizações convidadas, respeitando os protocolos de segurança durante a pandemia e haverá espaço limitado para o público.
- Produção de mural de azulejos no largo do Beco do Galo
- Faixas na Avenida Brasil e lambes nas favelas da Maré com trechos de poemas dos artistas de *BECOS* e dados da pesquisa
- Bike som do Begha tocando o álbum *Satélite*, de Rafael Rocha, com distribuição do *Guia de Saúde Mental*
- Cineminha nos becos - projeção dos vídeos com as letras do podcast *BECOS* nas 16 favelas

Fique atento às atualizações no site do Maré de Notícias.

www.mareonline.com.br



Paul Heritage (ao fundo, de máscara azul), pesquisador do *Construindo Pontes*, e artistas do *BECOS* no galpão do Espaço Normal

Maré recebe vacinação em massa

Mais de 35 mil pessoas foram imunizadas com a primeira dose contra a covid-19, em uma parceria entre a Redes da Maré, a Fiocruz e a Prefeitura do Rio

AMANDA PINHEIRO, EDU CARVALHO E HÉLIO EUCLIDES

Após mobilização histórica, quase 36 mil moradores da Maré com idade entre 18 e 35 anos receberam a primeira dose do imunizante contra a covid-19 por meio da #VacinaMaré, campanha de vacinação em massa que aconteceu do dia 29 de julho a 1º de agosto, com repescagem através de busca ativa até o dia 3 de agosto. A campanha, que superou a meta de imunizar 31 mil moradores, mostrou a força da coletividade ao reunir conhecimento, engajamento do território e representação institucional através da parceria entre a Redes da Maré, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Prefeitura do Rio de Janeiro.

A iniciativa é parte de uma pesquisa da Fiocruz sobre a eficácia da vacina em uma população amplamente imunizada e a proteção contra novas variantes. O estudo inédito vai acompanhar duas mil famílias durante seis meses para avaliar a efetividade da vacina, medir a produção de anticorpos dos imunizados, a dinâmica de transmissão do vírus e os possíveis efeitos adversos da vacina. Crianças e adolescentes também serão monitorados, mesmo não sendo o público-alvo da campanha. Desta maneira, os pesquisadores saberão, por exemplo, se as crianças são protegidas através da imunização dos adultos.

“É uma construção coletiva que gera aprendizado. Essa pandemia é muito mais do que um vírus infectando e matando pessoas; faz parte de um processo de desigualdade no Brasil que só poderá ser enfrentado dessa forma: com a sociedade civil, com consciên-



A campanha de vacinação mobilizou profissionais das clínicas da família da Maré, como os da Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva, na Nova Holanda

cia e com o poder público”, afirmou **Valcler Rangel**, assessor de Relações Interinstitucionais da Fiocruz.

Para o secretário de Saúde do Rio, **Daniel Soranz**, apesar de a cidade ainda viver um momento difícil no combate à pandemia, é hora de construir uma base de esperança. “Sabemos que a vacina é eficiente, salva vidas, protege contra a internação. Esse projeto vai ajudar a produzir conhecimento para que a gente esteja sempre à frente e consiga planejar os próximos passos. É um momento muito importante para a ciência”, declarou.

Foram mais de 500 pessoas envolvidas na logística da mobilização do território, entre articuladores de campo e voluntários. “É um momento importante, não só de reconhecimento da potência do nosso trabalho, mas do estabelecimento de direitos para os moradores de favelas. A parceria é um caminho concreto para reverter os danos causados pela pandemia e para a implementação de políticas públicas que respondam aos desafios estruturais que vivenciamos”, enfatiza **Eliana Sousa**, diretora da Redes da Maré. Ela pediu ajuda à Fiocruz, em 2020, para o enfrentamento da pandemia no território.

Unidos pela vida

Seja através dos compartilhamentos nas redes sociais ou nas trocas ocorridas nas ruas das 16 favelas, a sensação de viver um momento histórico era nítida. “Foram dias maravilhosos,

aos quais contribuimos para que nossa população tenha esperança na vida. Esperamos que, com a vacina, a necessidade de isolamento chegue ao fim no futuro”, diz **Mara Fonseca**, gerente do Centro Municipal de Saúde João Cândido, em Marcílio Dias.

Cintia Mariano, gerente do CMS Nagib Jorge Farad, em Jardim América, conta que, ao saber da convocação, fez questão de trabalhar na campanha. “Sou ex-moradora, estudei nas escolas do território e atuei nas unidades de saúde. Vejo a Maré sendo protagonista na saúde, mostrando a todos que aqui é um lugar de coisas positivas”, avalia. Sua colega da área da saúde **Girley Teodósio**, enfermeira do CMS Vila do João, estava contente com a articulação. “Essa mobilização vai entrar para a história”, celebra.

Para profissionais da educação que abriram as portas das escolas, o esforço foi uma aula de cidadania. “Vivemos um momento de união. Fiquei impressionada com a quantidade de pessoas que procuraram a imunização. Se todo o Brasil tivesse tido essa oportunidade, muitas mortes não teriam ocorrido”, afirma **Elaine Moledo**, professora atuante na 4ª Coordenadora Regional de Educação. Essa força dos voluntários contagiou a todos: é o caso de **Roseli de Almeida**, moradora da Vila do João, que levou todos da família que estavam na faixa etária da vacinação. “O que está acontecendo é um milagre para nós”, celebra.



O AstraZeneca foi imunizante aplicado durante a campanha

Obras dos canais da Maré vão pelo ralo

Precariedade do saneamento é principal causa da poluição dos Canais do Fundão e da Cunha

RUTH OSÓRIO E VINÍCIUS LOPES

Mesmo incorporados ao Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PBGB) e depois de dois anos de obras de revitalização, os canais do Fundão e do Cunha ainda sofrem com assoreamento e o lançamento de esgoto in natura, consequência da falta de serviços de saneamento básico na região.

Entre os anos de 2009 e 2011, foram executadas as obras de revitalização dos canais do Fundão e do Cunha, que circundam o Conjunto de Favelas da Maré. Tais obras cumpriram com o objetivo de retirar cerca de 3,2 milhões de metros cúbicos de resíduos (inclusive alguns altamente tóxicos), além de dragar os rios do entorno e reurbanizar as imediações. A intervenção trouxe de volta os manguezais que costumavam existir nas margens, ainda na memória de muitos moradores.

Alegria de Canal pobre dura pouco

Mesmo com aproximadamente R\$ 3 bilhões em investimentos, a falta de manutenção fez com que, dois anos depois, a situação dos canais já estivesse precária novamente, como apontado em 2016 pelo Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PBGB). Os moradores do entorno dos canais do Cunha e do Fundão tampouco notaram a eficácia das obras; na verdade, só viram os problemas se agravarem.

Nascido e criado no Conjunto Esperança, **Beto**, de 37 anos, trabalha em uma escola na comunidade e se recorda da infância no entorno do Canal do Cunha: "Quando a gente era pequeno, gostava de vir pra cá, perto do Canal do Cunha. Tinha muito bicho, passarinhos... Hoje isso é impos-

sível de se ver. Essa foi uma mudança radical que a gente viu acontecer."

Nos anos 1980, época citada por Beto, o Canal do Cunha já era poluído. Ninguém esperava que os canais e a Baía de Guanabara permanecessem límpidos com o passar do tempo — já existia um significativo processo de migração e adensamento urbano da cidade do Rio. **Reinaldo Bozelli**, professor e especialista em águas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), afirma que a poluição dos canais já deveria estar ao menos controlada com o tratamento da água.

O principal fator que contribui para o atual estado dos canais do Fundão e do Cunha é o lançamento direto de esgoto *in natura*, que é levado para a Baía. Segundo o Censo 2010, ainda que 96% das casas da Maré tenham ligação de coleta de esgoto, nem todo ele é direcionado às estações de tratamento: boa parte acaba nos valões dentro das favelas ou no entorno da Maré.

O descaso que acostuma

No Conjunto Esperança, uma das favelas da Maré que faz margem com o Canal do Cunha, é possível ver de perto as condições do rio. **Alice**, de 82 anos, chegou à Maré na época das palafitas e está no Conjunto Esperança desde a inauguração, em 1982. "Quando eu cheguei já tinha o valão que divide a Vila do João e o Conjunto, e que escoava no Canal do Cunha. No início, nem ponte tinha, então a gente atravessava por cima de umas madeiras dentro do próprio valão. E sempre foi assim: muito sujo, a gente via de tudo, esgoto e muito lixo. Só piorou."

Um dos sintomas da perpetuação desses problemas surge no discurso dos



Canal do Cunha, muito lixo e resquícios de lançamento de esgoto in natura na Baía de Guanabara

próprios moradores, que passam a achar normal a poluição dos canais. Casas, comércios, restaurantes e até espaços educacionais no entorno são diretamente afetados pela poluição. "De vez em quando o cheiro sobe, mas como nós somos moradores, a gente não nota tanto. Se você passa duas semanas fora do Conjunto Esperança, quando chega na Avenida Brasil sente a diferença no ar. É tão normal pra gente que ninguém mais nota", diz Beto.

Legado das Olimpíadas?

Uma das promessas feitas durante os preparativos para os Jogos Olímpicos Rio 2016 foi a limpeza da Baía de Guanabara. E mesmo com gastos de R\$ 7 bilhões com projetos de revitalização dentro do Programa de Saneamento dos Municípios do Entorno da Baía de Guanabara (PSAM), os dados do Instituto Estadual do Meio Ambiente (INEA) indicam que a situação da Baía só tem piorado com o passar

dos anos.

Em junho de 2021, o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, anunciou planos de saneamento e revitalização similares para a Lagoa de Jacarepaguá, na Zona Oeste, a um custo de R\$ 250 milhões. O projeto está incluso na concessão da Cedae e deve ser realizado nos próximos 12 anos. Na Maré, há obras em andamento no Tronco Coletor Faria Timbó — parte importante do projeto de saneamento, pois evita que o esgoto seja lançado nos canais do Cunha e do Fundão. A previsão do governo é que esse trecho seja concluído ainda em 2022 e os canais, em 2023. Contudo, mesmo tendo sido aprovada pelo PDBG, a galeria de cintura segue sem previsão de construção.

Procurada, a Cedae não respondeu às perguntas sobre o andamento das obras de saneamento na Maré.

data_labe

Arte: Nicolas Noel

Edição: Fred Di Giacomo

SANEAMENTO BÁSICO É UM DIREITO DE TODOS NÓS! VOCÊ SABE A QUEM RECORRER?

Em caso de problemas de abastecimento de água, drenagem ou esgoto, contate a CEDAE pelo **0800 28 21 195**

Em caso de problemas com acúmulo de lixo e controle de pragas, contate a COMLURB pelo **1746**

RAIO-X SANEAMENTO : como estão lixo, água e esgoto na Maré?

Todo mundo tem direito a saneamento básico! A Lei 11.445/2007 garante os seguintes serviços:

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

ESGOTAMENTO SANITÁRIO

LIMPEZA URBANA

DRENAGEM URBANA

Como funciona a coleta de lixo na Maré

Um dos problemas mais frequentes na Maré é o acúmulo de lixo em locais indevidos. Postes, esquinas e até a própria Vila Olímpica se tornam um local de despejo de lixo e entulho.



Em média 71,5% da Maré tem o lixo coletado diretamente na porta, mas esse número varia em cada comunidade.



Apenas 26,4% da Maré, em média, deposita o lixo no local onde ele é recolhido. Mas também ocorre essa variação de favela para favela. No Pinheiros, essa é a principal forma de descarte de lixo, utilizada por 82,3% dos domicílios.

E tem mais 1,9% do lixo na Maré que acaba em locais inadequados. Dos 907 domicílios mapeados, 863 jogam em terreno baldio, 38 em canais e seis relataram que enterram ou queimam na própria propriedade. Estas práticas são mais comuns na Nova Holanda, Parque União e Parque Maré.

Mas por que nem todo mundo tem acesso à coleta de lixo?

A Maré gera cerca de



Apenas **130** trabalhadores da Comlurb

atuam diretamente na limpeza urbana da Maré.

Os serviços da Comlurb são interrompidos

2 vezes mais na Maré

do que no resto da cidade.



- 16 favelas da Maré
- Valões
- Linha Vermelha
- Avenida Brasil
- Área de Transbordo
- Tronco Coletor*

*Projeção de Fabrício Barcelos (engenheiro ambiental).

Todo lixo da Maré vai pra um só lugar

A Nova Holanda recebe todo o lixo produzido na Maré. Dá pra acreditar? É que lá fica uma área similar ao que chamamos de área de transbordo.

A área de transbordo é um espaço para a triagem e separação dos resíduos entre recicláveis e não recicláveis. Depois de separados, os resíduos são destinados aos centros de reciclagem ou aos aterros sanitários.

Como a Nova Holanda recebe mais resíduos do que o espaço comporta, o lixo fica acumulado a céu aberto. Isso provoca um contato direto das pessoas com o lixo, já que o pátio é cercado de casas, escolas e espaços de lazer.

A Maré não está para peixe...

A Maré já foi uma área de grandes manguezais, mas com o aterramento e a crescente poluição, a maior parte do mangue está extinto ou extremamente degradado. O mesmo acontece com os rios. A Maré é atravessada por vários rios que deságuam no Canal do Cunha e no Canal do Fundão, mas que ficaram poluídos.

Um dos principais vilões nesse cenário é a falta de tratamento de esgoto e a falta de políticas públicas de saneamento básico na Maré.

Como dar um jeito?

Para começar a resolver esse problema seria essencial que fossem construídas a Galeria de Cintura da Maré, parte do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara, assim como o Tronco Coletor do Faria Timbó.

A Galeria, que serviria para recolher parte das águas poluídas, foi totalmente esquecida e segue sem previsão de início das obras, e o Tronco Coletor já está em construção pela CEDAE, com previsão de término em 2023.

Estima-se que o tronco coletor impedirá o lançamento de mais de mil litros de esgoto por segundo nos canais do entorno da Maré e na Baía de Guanabara. Ao invés de parar nos canais e valões, o esgoto seria coletado e destinado para tratamento na Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) Alegria, localizada no bairro do Caju, ao lado da Maré.

Viu problemas de saneamento básico na Maré, como esgoto a céu aberto, vazamento de água, acúmulo de lixo ou ruas alagadas? Envie uma foto para o CocôZap e ajude a gerar dados! (21) 99957-3216.



Marcílio Dias

‘O esporte me levou a lugares inimagináveis’

Excelência e sucesso na carreira atraem a atenção, mas especialistas, esportistas e mentores da Maré reforçam a importância da prática de esportes para além dos holofotes



MATHEUS AFFONSO

Coordenador na ONG Luta pela Paz, Roberto Custódio acredita que o esporte é metáfora para a vida: 'Saber cair e levantar'

TAMYRES MATOS

A relação entre os esportes e a construção das identidades sociais é marcada por palavras e expressões como “superação”, “inclusão”, “realização de sonhos”, presentes nos discursos de atletas, cientistas sociais, torcedores e órgãos públicos. Com o início dos Jogos Olímpicos de Tóquio, o Maré de Notícias resolveu se debruçar sobre a importância da disseminação de oportunidades e a relação entre esportes, território e identidade.

O coordenador esportivo da ONG Luta pela Paz, **Roberto Custódio**, vê o esporte como metáfora para a vida. Nascido e criado na Maré, ele começou a treinar boxe por meio da organização aos 14 anos, logo depois de sentir a brutalidade da violência: seu pai, motorista de ônibus, foi assassinado por grupos armados. Apesar da raiva inicial, seu discurso hoje é voltado a propagar as oportunidades que foram essenciais para sua formação.

“Esses jovens chegam aqui com sede de vitória. O que a gente passa para eles é que a preparação para a vida merece a mesma dedicação que um campeonato. A lição mais importante do esporte tem a ver com saber cair e levantar”, pondera.

Custódio queria aprender não só a se defender, como também se destacar. Segundo o mareense de 33 anos, havia um evento anual na região do Parque

Rubens Vaz e seus olhos brilhavam ao assistir as demonstrações de luta que ocorriam ali.

“Senti naquele momento que não precisava pegar numa arma para ser reconhecido. Ficou claro que meu destino era subir no ringue”, relembra.

Em uma trajetória vitoriosa, ele passou a fazer parte da seleção brasileira de boxe em 2009. Quatro anos depois, se tornou campeão continental, consagrando-se como o melhor das Américas no Campeonato Pan-Americano de Boxe disputado no Chile — chegou, inclusive, a participar dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, como primeiro reserva do pugilista meio-médio-ligeiro Myke Carvalho.

“Sempre fui muito disciplinado, mas não almejava viver tudo o que vivi através do boxe. O esporte me levou a lugares inimagináveis”, relata.

‘Honra ao mérito’ e coletividade

O esporte é matéria constitucional. No artigo 217, a Constituição Brasileira expressa: “É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um.”

De acordo com o professor da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio De Janeiro (UFRJ) **Marcelo Melo**, a construção de uma narrativa de as-

cenção social através do esporte é algo muito forte. No entanto, é essencial o entendimento de que essa narrativa do sucesso esconde fatores essenciais.

“A perspectiva de direito social ao esporte e lazer é muito importante para oportunizar vivências relevantes para todos. Isso não se faz sem políticas governamentais, com aportes de recursos”, explica o professor, que deu aula na Vila Olímpica da Maré entre 2001 e 2003.

Maré nas Olimpíadas

O pugilista **Wanderson de Oliveira**, conhecido como “Shuga” (em referência à pronúncia do nome do ídolo e campeão olímpico Sugar Ray Leonard), também começou na Luta pela Paz. Atualmente, o jovem de 24 anos, que morava na Rua Tatajuba, na Maré, foi uma das esperanças de medalha do Brasil nos Jogos de Tóquio.

“Entrei no Luta pela Paz para beber água em 2009, reconheci um colega que 'tirava onda' com os meus amigos e decidi me matricular. Dois dias depois, estava treinando”, relata o pugilista, em entrevista por telefone do Japão.

O interesse em se destacar é responsável pelo entusiasmo inicial, mas o envolvimento com a disciplina cria algo mais duradouro. “O esporte muda a pessoa, educa, nos deixa mais maduros”, afirma.

Aos 12 anos, o pequeno Shuga já era campeão do Galo de Ouro Infantil. De lá para cá, foi medalhista em inúmeros torneios, como os Jogos Sul-Americanos de Cochabamba, na Bolívia, em 201, em 2018. Pensando muito além da lista de vitórias ou derrotas, Wanderson reforça: “Se eu puder deixar uma mensagem pra criançada de hoje, é a de que o esporte salva.”



MATHEUS AFFONSO

Meninas e meninos treinam na ONG Luta pela Paz

Orgulho e visibilidade lésbica

Datas marcam a mobilização de mulheres no passado e no presente



MATHEUS AFFONSO

Barbeiras da Maré, Eduarda Paganini e Ingrid dos Anjos mostram que mulheres podem atuar em todas as profissões

HÉLIO EUCLIDES

Para sensibilizar a sociedade na busca pelo fim do machismo, do racismo, da lesbofobia e do lesbocídio, o mês de agosto é marcado por duas datas importantes: o Dia do Orgulho Lésbico (19) e o Dia da Visibilidade Lésbica (29).

Eles não foram criados, porém, para comemorações, e sim para denunciar injustiças e cobrar respeito. O Instituto Legado divulgou dados do primeiro Dossiê do Lesbocídio, realizado pelo Núcleo de Inclusão Social (NIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): 126 mulheres foram mortas no Brasil entre 2014 e 2017 por serem lésbicas; 55% dos casos são de vítimas que não seguiam o comportamento padrão de feminilidade socialmente imposto.

Para **Dayana Gusmão**, assistente social da Re-

des da Maré, moradora do Conjunto Bento Ribeiro Dantas e integrante do Coletivo Resistência Lésbica da Maré, o momento também é de perceber avanços. Nos últimos três anos, a organização social de lésbicas e mulheres bissexuais da Maré vem se fortalecendo a partir do mapeamento das necessidades, do encontro de parcerias para eliminá-las e a ampliação dos espaços seguros de troca.

“Em 2019, realizamos o Mapeamento Sociocultural e Afetivo de Lésbicas e Mulheres Bissexuais da Maré, o primeiro estudo do tipo em uma favela. Ele nos mostrou necessidades que desconhecíamos, e isso fez com que nos organizássemos melhor”, diz.

De acordo com Dayana, em 2020, com as restrições impostas pela pandemia, foram criadas ações mais objetivas, como o

projeto *Socorro a Elas na Covid-19*, que distribuiu cestas básicas (incluindo, entre os produtos ofertados, itens para as crianças), ofereceu orientação sobre auxílio emergencial, encaminhou quem precisava de atendimento psicológico e atendeu outras demandas. No mês de julho, o coletivo lançou uma campanha de arrecadação de cestas básicas, destinadas às lésbicas e às bissexuais da Maré e de Cidade de Deus, do Complexo do Alemão, Morro da Providência, Cantagalo e Morro do Pinto.

“Queremos erguer a Casa da Resistência, um lugar de acolhimento e atendimento sociojurídico e, principalmente, um ambiente afetivamente seguro, com rodas de conversa, além de um espaço temporário para lésbicas expulsas de suas casas”, explica.

Homens e mulheres no mesmo pódio

Onde está escrito que mulher não pode ser barbeira? **Maria Eduarda Paganini**, mais conhecida como Duda, moradora da Nova Holanda, explica sua trajetória, que põe em xeque restrições de gênero.

“Nunca planejei ser barbeira, foi algo natural; até porque na família do meu pai todas as mulheres têm salão de cabeleireiro; eu sou a única barbeira da família”, diz. Ela começou cortando o cabelo do afilhado e depois, de amigos. Quando percebeu, já estava abrindo a barbearia na varanda da casa da mãe para atender os mais de 60 clientes que confiavam no seu trabalho.

Segundo Duda, não seguir padrões de feminilidade afasta alguns clientes, mas a consciência dos seus direitos e a confiança de quem a respeita ajuda a seguir em frente. “O Dia da Visibilidade Lésbica representa a luta por igualdade e resistência em meio a uma sociedade machista e homofóbica. Temos que ter o direito de amar, de ser livres, de caminhar na rua sem medo”, reforça.

Outra colega de profissão é **Ingrid Horsth**, que afirma que é um sonho ser barbeira. “Comecei em 2007 fazendo o pé do cabelo e perceberam que eu levava jeito. Depois de muitos anos, criei coragem e decidi abrir minha barbearia. Alguns homens não colocam fé no meu trabalho, mas é muito satisfatório saber que quem deposita a confiança sai satisfeito”, conta.

‘E a Casa Preta se ergue’

Reeducação das relações raciais, arte e combate ao racismo na Maré

PÂMELA CARVALHO

Educadora, historiadora, pesquisadora ativista das relações raciais e de gênero e dos direitos de populações de favelas. Mestre em Educação pelo PPGE/UFRI, fundadora do Quilombo Etu e coordenadora do eixo “Arte, Cultura, Memórias e Identidades” da Redes da Maré.

A Casa Preta da Maré surgiu em 2019 como um lugar para se discutir o racismo, trabalhando de forma ampla, nas 16 favelas que compõem a Maré, estratégias para enfrentá-lo. Este ano, o espaço ganhou pela primeira vez recursos financeiros e, também, uma sede, na Rua Sargento Silva Nunes, próximo à sede Nova Holanda da Redes da Maré, à Biblioteca Lima Barreto e à redação do Maré de Notícias (o prédio já foi sede da Associação de Moradores de Nova Holanda, num período de fortalecimento da luta de direitos para a população do território).

Ainda em 2021, o projeto de formação teórica, metodológica e política para trabalhar as questões étnico-raciais na Maré se consolidou, através de uma programação de cursos livres. Além disso, foi criada a Escola de Letramento Racial da Maré, um curso de formação continuada com 30 jovens do território que recebem uma bolsa de estudos mensal.

O programa concentra alguns dos paradigmas da Casa: promover a redefinição das relações raciais, combater o racismo na Maré e buscar estratégias para facilitar o acesso de pessoas negras a políticas públicas, principalmen-



Com Pâmela Carvalho à direita, equipe Casa Preta posa na Rua Sargento Silva Nunes, próximo à sede Nova Holanda da Redes da Maré

te em educação. O objetivo final é que os jovens atendidos sejam multiplicadores das metodologias da Casa Preta, atuando no combate à desigualdade racial em seus territórios.

A aula inaugural da Escola propôs um percurso pela Maré a partir das narrativas e dos espaços de trabalho de três importantes agentes culturais negros do território: Carlos Marra, DJ Renan Valle e **Mestre Manoel** — este último, em depoimento, afirmou que “a verdadeira história do povo negro foi apagada, substituída por um processo de alienação. O negro brasileiro muitas vezes não reconhece o racismo nas anedotas, nas piadas, nas brincadeiras e expressões populares. É importante que a juventude se engaje e perceba as sutilezas do racismo no Brasil.”

O surgimento da Casa Preta

Em 29 de julho de 2019, o grupo de tecedores da

Redes da Maré se reuniu no Museu de Arte do Rio para uma formação imersiva. O objetivo era analisar os dados do Censo Maré e, a partir dele, pensar e propor ações de impacto no Conjunto de Favelas da Maré.

Analisando o perfil étnico-racial apresentado pela pesquisa, um dado chamou atenção: 62,1% dos moradores da Maré se autodeclararam pretos ou pardos (os dois formam o grupo racial “negro”). É importante ressaltar que esse número pode ser maior, levando em consideração os efeitos do racismo, que fazem com que muitas pessoas negras não se reconheçam como tal.

A partir dessa análise, foi possível entender a Maré como um território negro, tanto pelo perfil racial de sua população quanto pelas práticas sociais, culturais e históricas. Dona Orsina Vieira, considerada por muitos historiadores como a primeira moradora da Maré, era uma mulher negra. Práticas de cuidado coletivo facilmente vistas

na Maré se assemelham às aldeias, irmandades e comunidades africanas e afro-brasileiras.

Imersos nesta reflexão e movidos por movimentos históricos realizados na Redes da Maré (como o Núcleo de Memórias e Identidades da Maré/ NUNIM, os chás com as Griôs, o Seminário Tereza de Benguela e a Casa das Mulheres da Maré, um espaço de referência no território), surge uma proposta: por que não termos uma “Casa Preta” da Maré?

Em julho de 2019, um grupo se reuniu para movimentar as ações da Casa Preta e manter a chama acesa. Joelma Sousa, Carlos André Nascimento, Tereza Onã, Thais Jesus, Karla Rodrigues, Angélica Ferrarez e eu seguimos na criação e no desenvolvimento de uma programação de atividades, mesmo sem recursos para tal. Foi criado então o *Café Preto*, rodas de conversa itinerantes sobre temas caros à população negra da Maré.



DOUGLAS LOPES

Aula inaugural da Escola de Letramento Racial com Mestre Manoel ocorreu, ainda presencialmente, no Morro do Timbau

Em 2020, por conta da pandemia de covid-19, foi impossível manter as atividades presenciais, mas o combate ao racismo continuou: a equipe criou um programa online chamado *Café Preto em Casa*.

Terreno fértil

Em 2017, o MC paulistano Rincon Sapiência compôs *Galanga Livre* (música integrante do disco homônimo), que narra a história fictícia do escravizado Galanga:

Nossa coragem levantar
Pro nosso medo encolher
Fui convidado pro jantar
Migalhas não vou recolher
Vida me chama pra cantar
Sem fuga, livre pra correr
Um bom terreno pra plantar
E a casa preta se ergue!

É com a perspectiva de liberdade, entendendo que a Maré é terreno fértil para o plantio de práticas antirracistas, que a Casa Preta da Maré se ergue, saudando as griôs da Maré e lutando por políticas públicas para que jovens negros acessem as estruturas de poder de nossa sociedade. A Casa Preta é o reconhecimento de um passado de lutas pelos direitos das populações negras e a projeção de um futuro.

Marcas do racismo

Discriminação racial será tema de uma série de artigos e reportagens nas próximas edições do Maré de Notícias

AMANDA PINHEIRO

Segundo o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, em 2019 cerca de cinco mil crianças e adolescentes tiveram morte violenta no Brasil; 75% das vítimas eram negras. Esse é apenas um dos dados sobre os quais o Maré de Notícias vai se debruçar nas próximas edições, trazendo uma série de artigos e reportagens sobre discriminação racial e seus impactos na sociedade, na economia e na educação.

Racismo estrutural

Segundo o filósofo **Silvio Almeida**, o racismo estrutural é um processo histórico em que as desigualdades raciais são naturalizadas nas relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas. Ou seja, é um conjunto de práticas, falas e ações que estão entranhadas no dia a dia de uma sociedade.

Compreender esse mecanismo é essencial para perceber como o racismo afeta a vida dos moradores de favelas e periferias — sobretudo

porque a maioria é composta por pessoas que se autodeclaram negras ou pardas.

Esse tipo de preconceito internalizado se manifesta quando, por exemplo, uma pessoa negra é perseguida em um shopping ou loja; é acusada de roubo ou furto sem provas; sofre uma abordagem truculenta da polícia somente por ser negra, principalmente quando se está em uma favela.

Além de filósofo, Silvio Almeida é advogado tributarista, professor universitário e autor do livro *Racismo estrutural* (Editora Pólen). Em entrevista ao canal de notícias CNN, o advogado, que é um dos principais intelectuais negros da atualidade, disse que “o racismo tem mecanismos para funcionar e um deles é fazer com que nós assumamos a culpa por aquilo que o mundo fez com a gente”.

Para o ativista, o racismo impulsiona a articulação de operações e a

violência policial contra moradores desses locais.

“As relações sociais no Brasil e no mundo são atravessadas pela naturalização do racismo. Essa naturalização, porém, só é possível se você tiver instituições que reproduzam, do ponto de vista ideológico e político, essas relações permeadas pelo racismo. O Judiciário e o Ministério Público são coniventes com a violência policial e com o desrespeito à Constituição. É mandado de busca e apreensão coletivo, é policial entrando nas favelas e metendo o pé na porta sem mandado. Precisamos falar sobre a polícia e como a violência policial só atinge os parâmetros porque existe uma relação entre a ação da polícia, o Ministério Público, que fecha os olhos ou dá amparo para que os agentes ajam de maneira violenta, e o Judiciário, que depois confirma [essas ações]”, afirmou, em agosto de 2020, em entrevista ao site de notícias *El País Brasil*.

Pedacinho do Nordeste na Maré

Cultura, trabalho, comida boa e alegria é o que a massiva presença de pessoas nordestinas representa no território

HÉLIO EUCLIDES

Inté mesmo a asa branca/ bateu asas do sertão/ Entonce eu disse/ adeus Rosinha/ guarda contigo/ meu coração. A canção Asa Branca, composta por Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga, se transformou em símbolo do êxodo nordestino para o Sudeste. As favelas cariocas são marcadas pela presença desses nordestinos, que começaram a chegar a partir da década de 1950. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2017 revelavam a presença de 1,2 milhão de nordestinos, pouco mais de 8% da população fluminense. Algo diferente acontece na Maré que, segundo o Censo Populacional de 2019, tem 25,8% dos moradores com raízes no Nordeste.

Para efeitos de comparação, São Paulo é o principal destino no Sudeste de migrantes vindos da região e contava com 12,66% (5,6 milhões) de residentes oriundos do Nordeste, segundo a PNAD de 2015 (na capital paulista, no dia 2 de agosto é celebrado o Dia do Nordestino).

Os 35.884 nordestinos da Maré representam uma influência cultural não apenas para si mesmos, como também nas práticas e identidades de seus descendentes.



O censo de 2019 apontou que a Maré tem 25,8% dos moradores com raízes no Nordeste; muitos são fregueses assíduos da Casa Paraibana, na Rua Teixeira Ribeiro

Uma praça do Nordeste

O conjunto de favelas da Maré tem duas regiões onde quase a metade dos seus moradores é nascida em algum estado do Nordeste. O Parque Rubens Vaz concentra 39,2% de nordestinos, enquanto que na favela do Parque União eles são 44,2% dos moradores. É nesse último pedaço da Maré que se concentra a alma nordestina do território — um convite para quem deseja mergulhar na cultura dos estados nordestinos através da música e da culinária.

Há pelo menos 35 anos, a Praça do Parque União é uma espécie de segunda casa para essa parcela de mareenses. “Começou com uma banda tocando na calçada da

antiga padaria onde se encontra atualmente o restaurante Seriguela. As coisas foram evoluindo, e o show passou a ser no meio da praça. Depois foi construído o palco, que agora é um dos locais mais conhecidos do Rio”, conta **Edivan Valério**, de 53 anos, coordenador da Praça do Parque União e nascido em Jacaraú, na

Paraíba.

Antes da pandemia, a praça de seis mil metros quadrados chegou a reunir em uma só noite cerca de cinco mil pessoas. “Os frequentadores se sentem entre famílias: conversam, se divertem e encontram os amigos, elogiam o lugar. Acredito que é porque ele traz alegria aos nossos con-



Tradições, crenças e costumes nordestinos enriquecem a cultura da cidade carioca



MATHEUS AFFONSO

Na Maré, a concentração de paraibanos é expressiva: são 14.597 moradores. Na foto, Luíza Moreira, de 91 anos, moradora da Nova Holanda

terrâneos”, diz. “A praça teve como momentos marcantes os shows da banda Magníficos, do Zé Filipe e da Joelma”, lembra Edivan. O local tem no entorno dez restaurantes que servem a gastronomia nordestina. Os mais assíduos são os paraibanos e os cearenses.

A Paraíba também é aqui

Na Maré, a concentração dos que nasceram na Paraíba é bem expressiva: são 14.597 moradores, quase 10,5% da população total do território. Um deles é **Luíza Moreira**, de 91 anos, moradora da Nova Holanda. Ela nasceu no município de Rio Tinto, no interior do estado, onde vivia com sua mãe e duas irmãs. Tudo mudou com a morte do pai, quando tinha 12 anos. Três anos depois, ela começou a trabalhar na Companhia de Tecidos Rio Tinto (a empresa que sustentava a cidade) e lá ficou por 18 anos.

Dona Luíza casou-se na Paraíba, em 1965, e veio morar no Rio de Janeiro — primeiro num barraco alugado no Rubens Vaz, onde o marido tinha parentes. “Depois me mudei para a Rua Principal, na Nova Holanda. A rua era aterrada, mas as casas, não. Para fazer as palafitas se usavam tripés, que serviam como alicerces, e depois se colocava o assoalho, sem brechas para evitar as águas. A tainha pulava do rio, pena que foi tudo aterrado. Na época, não tinha água e nem luz. Meu marido paga-

va uma pessoa para buscar água”, conta. Ela está na Maré há 56 anos, onde criou dois filhos e duas filhas.

Dona Luíza foi pela última vez ao Nordeste em 1999 e confessa que sente saudades. “Hoje visito a cidade pela internet. Tenho vontade de voltar, inclusive para morar. O que prejudica é a dificuldade de andar”, diz.

Um Rio de braços abertos

Os cearenses são o segundo grupo mais presente na Maré: são 8.849 moradores. No dia 17 de julho, **João Braga**, de 60 anos, morador do Conjunto Pinheiros, participou de um programa de entretenimento, onde destacou o amor pela Maré e por sua cidade natal, no distrito de Santa Quitéria. “As coisas evoluíram. Quando sai de Trapiá, a população mal tinha rádio de pilha, hoje todos têm televisão. Na casa do meu pai a geladeira era de querosene e a gente usava lampião à noite, isso em 1972. Tinha que pegar água em uma distância como da Maré à Praça das Nações. Eu ia de jumento e trazia dois galões. Para estudar, eram 24 quilômetros de bicicleta”, lembra, acrescentando que tem orgulho do seu pai, Saturnino Soares Braga, que hoje é nome de rua em sua cidade natal.

Com 42 anos em terras cariocas, Braga viveu uma saga e reforçou a fama de batalhadores associada aos nordestinos. Quando chegou

ao Rio, foi morar no Méier. No outro dia já estava trabalhando no Fluminense, clube de coração. Em 1979, foi trabalhar num restaurante no Centro do Rio, e nas férias voltava sempre ao Ceará. Em 1981 começou a trabalhar como garçom e está nessa profissão há mais de 30 anos. Um dos muitos restaurantes que trabalhou fica na Feira de São Cristóvão, tradicional reduto nordestino. Como muitos que vêm do nordeste deixam quem amam para trás, ele namorou por dez anos via carta até conseguir casar. “Não tinha dinheiro. Tive que fazer um sacrifício, ir ao Ponto Frio e comprar fogão e geladeira parcelado”, conta.

Em 1990, ele foi morar no Conjunto Pinheiro, mas só há quatro anos abriu o Bar do Braga, que tem como slogan: “O melhor baião de dois da Maré” (o prato é típico do Ceará. Com a seca, vem também a falta de comida; a solução era fazer uma refeição à base de arroz e de feijão de corda, além das sobras da cozinha, como carne seca e queijo de coalho, ingredientes do baião). Ele faz três panelas a cada noite, de segunda a sábado. O domingo é dia de outras comidas típicas para o almoço, como galinha caipira.

João percebe que tem muito cearense na Maré. “Os nordestinos carregaram o Rio de Janeiro nas costas. No passado, Rocinha e Rio das Pedras eram a morada dos cearenses na cidade. Na Rocinha até existe um restaurante com o nome da Trapiá. De uma década para cá, ocupamos a Maré. O território é nordestino, os moradores carregam o sangue na veia”, considera. Por saudade, confessa que, depois que casou, já foi 23 vezes ao Ceará. “Estou com passagem comprada desde junho de 2020 para visitar minha terra natal. Por causa da pandemia tive que mudar os planos. Quando volto ao Ceará não procuro a praia e sim as casas dos primos, busco o interior”, enfatiza.

Delícias que cabem no bolso

Este mês, a Casa das Mulheres traz uma receita de sardinhas escabeche na panela de pressão — uma deliciosa, saudável e barata fonte de proteína. Este e outros pratos, como aquele mocotó raiz e uma inesquecível barriga de porco à pururuca, estarão disponíveis no cardápio preparado pelo Maré de Sabores especialmente para o **Dia dos Pais**.

SARDINHAS ESCABECHE NA PRESSÃO

INGREDIENTES:

- 1 kg de sardinhas limpas e sem espinhas
- 400g de tomates em rodelas
- 200g de cebolas em rodelas
- 2 dentes de alho amassados
- 3 dentes de alho em lâminas
- 100ml de óleo
- 100ml de vinagre
- 200ml de água
- 1 limão
- 1 ½ colher de sopa de sal
- 1 colher de chá de pimenta-do-reino com cominho
- 3 folhas de louro
- Pimenta-do-reino a gosto

MODO DE PREPARO:

Tempere as sardinhas com o suco do limão, meia colher de sopa de sal, os dentes de alho amassados e a pimenta-do-reino a gosto. Deixar marinar por uma hora. Na panela de pressão, arrume no fundo metade das rodelas de cebola e metade das sardinhas (fechadas). Cubra com metade das rodelas de tomate e mais as folhas de louro e as lâminas de alho. Faça outra camada, usando o restante das rodelas de cebola, das sardinhas, dos tomates fatiados e do sal, e mais a pimenta-do-reino com cominho. Regue com o óleo, o vinagre e a água. Tampe a panela e leve-a ao fogo baixo por meia hora. Deixe a pressão sair sozinha e aguarde duas horas antes de abrir a panela.



PALAVRAS CRUZADAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Viroses que congestionam o nariz	Um estado nordestino e sua capital	"(?)" 10"	desenho da TV	Postura para a foto	Não deixar ir adiante; parar
Meio de locomoção	Clareza natural que inspira poetas	Parte inferior do vestido	Antecede o "Q"	Diretor de faculdade	A pele sujeita à acne
Objeto que faz par com o saleiro					
Item escolar (pl.)				Local da faixa de pedestres (pl.)	A planta que cobre muros
			Brincadeira ao telefone		
Feminino de "peão"			Um e (?): ambos	Rugido "(?) Deixar", música	
Escasso; incomum					
Aquele que não paga impostos	Frutos da videira				Abrigo da futura borboleta
	Nitrogênio (símbolo)			Proteção do livro	
				Narrativa épica	
Frequência de rádio	A origem da vodca				Principal ingrediente do risoto
Pacto; ajuste	Grande tronco				
				A voz da soprano	
				Compareça às urnas	
			Possuir um preço		
			Endereço (abrev.)		
Pequeno pedaço				Ouvir, em espanhol	
Pelos ares (?) de: em presença de					Sílabas de "claro"
Scooby-(?), cão da TV					Física, em "CPF"
			Desmancha; destrói		

BANCO. 3/ben — doo — oir — see — tsl. 4/peoa — tico. 20

Foto Gabriela Lino/Conexão Saúde

TESTE GRÁTIS DE CORONAVÍRUS!

Novos locais, confira a agenda:

<p>Segundas Marcílio Dias Associação de Moradores Av. Lobo Júnior, 83 Das 7 às 13 horas</p>	<p>Quartas Morro do Timbau Clínica da Família Augusto Boal Av. Guilherme Maxwell, 901 Das 7 às 13 horas</p>
<p>Terças e Quintas Vila do Pinheiro Clínica da Família Adib Jatene. Av. Bento Ribeiro Dantas, s/nº Das 7 às 13 horas</p>	<p>6ª feira Praia de Ramos Centro Municipal de Saúde Américo Veloso Rua Gerson Ferreira, 100 Das 7 às 13 horas</p>
<p>2ª a 6ª feira - Parque Maré Galpão Ritma - Rua Teixeira Ribeiro, 521 Das 9 às 16 horas</p>	

Leve documento original com foto e, se possível, aparelho celular. Você pode fazer o teste mesmo não apresentando sintomas. Testagem só para pessoas a partir de 12 anos.

(21) 99924-6462
(mensagem para Redes da Maré)

Realização



Apoio



COLEÇÃO MISTÉRIO & SUSPENSE
CLÁSSICOS DE ARREPIAR
JÁ À VENDA!

Editora Nova Fronteira

Solução

Z	V	F	S	E	D	O	O	D
O	R	I	O	O	R	E	V	A
R	I	O	O	R	E	V	A	
L	R	A	L	V	A	O	T	I
A	V	A	G	O	A	T	R	A
V	S	S	U	S	E	S		
A	P	J	O	O	T	I	N	E
S	S	V	U	S	E	S		
O	U	O	R	O	R	A		
T	R	O	T	R	O	P		
T	U	A	S	A	T	R	E	
O	P	A	L	I	T	E	R	
O	S	E	A	L	I	T	A	
T	R	A	S	P	O	R	T	
A	P	E	B	A	G			

Acompanhe o Maré de Notícias na internet!

	@maredenoticiasoficial		@maredenoticias
	@MareNoticias		(21) 97271-9410
	contato@maredenoticias.com.br		www.mareonline.com.br